

Histórias da ecologia

Núcleo: Vir-a-ser

**Texto da exposição
em fonte ampliada**

Português

SUMÁRIO

Texto de abertura.....	p.8
Texto de Núcleo.....	p.13
Mapa do espaço expositivo.....	p.15
Mapa de obras tridimensionais no espaço expositivo.....	p.16

Parede 1

Mapa da Parede 1.....	p.17
AD MINOLITI, <i>Panther</i>	p.17

Parede 2

Mapa da Parede 2.....	p.19
MOVIMENTO DOS ARTISTAS HUNI KUIN [HUNI KUIN ARTISTS MOVEMENT] (MAHKU) — IBA HUNI KUIN/BANE HUNI KUIN/ KÁSSIA BORGES KARAJA/AYANI HUNI KUIN/ NAWA IBA NETO HUNI KUIN, <i>Yube Inu Yube Shanu</i>	p.20

RESHINJABE (OLINDA SILVANO INUMA), ***EI espírito de las madres planta***.....p.21

Parede 3

Mapa da Parede 3.....p.23

ANA MENDIETA, ***Grass Breathing***.....p.23

VERA CHAVES BARCELLOS, ***Epidermic Scapes***.....p.25

Parede 4

Mapa da Parede 4.....p.27

CHICO DA SILVA, ***Sem título***.....p.27

MICHEL ZÓZIMO, ***Pavão azul***.....p.29

Parede 5

Mapa da Parede 5.....p.30

SHEROANAWÉ HAKIHIIWE, ***Huwe moshi 26***..p.30

SHEROANAWÉ HAKIHIIWE, ***Huwe moshi 34***..p.30

Obras tridimensionais no espaço expositivo

Mapa de Obras tridimensionais no espaço expositivo A-D.....	p.32
RECUAY, <i>Vaso de gargalo</i>	p.32
MOCHICA, <i>Vaso de alça estribo</i>	p.33
MOCHICA, <i>Vaso de alça estribo</i>	p.33
MOCHICA, <i>Vaso de alça estribo</i>	p.33

Espaço 6

Mapa do Espaço 6.....	p.35
VITÓRIA CRIBB, <i>BUGs</i>	p.36

Parede 7

Mapa da Parede 7.....	p.38
MARYAM HOSEINI, <i>Flesh and Sun (Transference)</i>	p.38
BIRGIT JÜRGENSSEN, <i>Nest</i>	p.39
BIRGIT JÜRGENSSEN, <i>Untitled (Self with Little Fur)</i>	p.39

COSA RAPOZO, <i>Patronaje otoñal</i>	p.41
JONAS VAN, <i>Exambiguações</i>	p.42

Parede 8

Mapa da Parede 9.....	p.44
DAVI DE JESUS DO NASCIMENTO, <i>Aguamento</i>	p.44
JES FAN, <i>Xenophobia</i>	p.45

Parede 9

Mapa da Parede 8.....	p.46
CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, <i>Sem título</i>	p.46
ROSANA PAULINO, <i>Ninfa tecendo o casulo</i>	p.48
ROSANA PAULINO, <i>Casulo n.1, do Caderno de possibilidades de voo (reais ou imaginárias) ou Caderno de figuras aladas</i>	p.48
ROSANA PAULINO, <i>Casulo, do Caderno de</i>	

<i>possibilidades de voo (reais ou imaginárias) ou Caderno de figuras aladas)</i>	p.49
ROSANA PAULINO, <i>Tentativa de criar asas, do Caderno de possibilidades de voo (reais ou imaginárias) ou Caderno de figuras aladas)</i>	p.49
ROSANA PAULINO, <i>da série Casulos)</i>	p.49

Obras tridimensionais no espaço expositivo

Mapa de Obras tridimensionais no espaço expositivo E-F.....	p.50
ADVÂNIO LESSA, <i>Obra E. Sem título)</i>	p.50
JOSÍ, <i>Odor da chama)</i>	p.51

HISTÓRIAS DA ECOLOGIA

No ano em que o Brasil sedia a COP30 – Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, em Belém do Pará, o MASP apresenta a exposição *Histórias da ecologia*. Esta é a oitava mostra do museu dedicada a histórias diversas, plurais e polifônicas desde 2016. Não se trata de uma resposta direta à conferência, mas de um enfoque ampliado. Para além da urgência incontornável da crise climática, a exposição expande o conceito de ecologia, analisando, por meio do trabalho de artistas, ativistas e movimentos sociais, as relações entre seres humanos e mais-que-humanos — que incluem animais, plantas, rios, florestas, montanhas e fungos.

A escolha do termo “ecologia”, em lugar de “natureza”, é aqui uma decisão conceitual. Ao contrário de concepções que isolam a natureza como entidade exterior à sociedade, a ecologia é compreendida como trama relacional, um campo de forças em constante transformação, que questiona dicotomias como natureza/cultura, sujeito/objeto, humano/não humano. Essa abordagem dialoga com propostas contemporâneas de uma virada ecológica nas ciências humanas e sociais, que repensam os modos de produção de conhecimento a partir da multiplicidade de mundos e ecossistemas.

Com obras de 116 artistas, em sua maioria oriundos do chamado Sul Global, *Histórias da ecologia* amplia essa rede para estabelecer alianças entre Sul e Norte, reconhecendo que a crise climática exige ações coordenadas,

solidárias e urgentes. Muitas obras revelam não apenas os efeitos, mas também as raízes históricas do colonialismo, do racismo ambiental e do capitalismo global sobre corpos, territórios e ecossistemas.

A mostra é organizada em cinco núcleos, sugeridos nesta ordem de visita, do sexto ao segundo andar do edifício: *Teia da vida*, *Geografias do tempo*, *Vir-a-ser*, *Territórios, migrações e fronteiras* e *Habitar o clima*. A exposição transita entre saberes geológicos, biográficos, espirituais, comunitários e planetários. Propõe, assim, reconhecer cosmologias que resistem à destruição da vida e instaurar espaços de imaginação crítica, nos quais o futuro se apresenta como campo de disputa e responsabilidade coletiva.

Curadoria: André Mesquita e Isabella Rjeille, MASP

A exposição faz parte do programa anual do MASP dedicado às *Histórias da Ecologia* em 2025, que inclui monográficas de Abel Rodríguez, Clarissa Tossin, Claude Monet, Frans Krajcberg, Hulda Guzmán, Minerva Cuevas, Movimento dos Atingidos por Barragens, Taniki Yanomami, bem como mostras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e Vídeo nas Aldeias.

Desde 2019 o MASP tem um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão de resíduos, iniciativas que se somam à programação de *Histórias da Ecologia* este ano. O novo edifício Pietro Maria

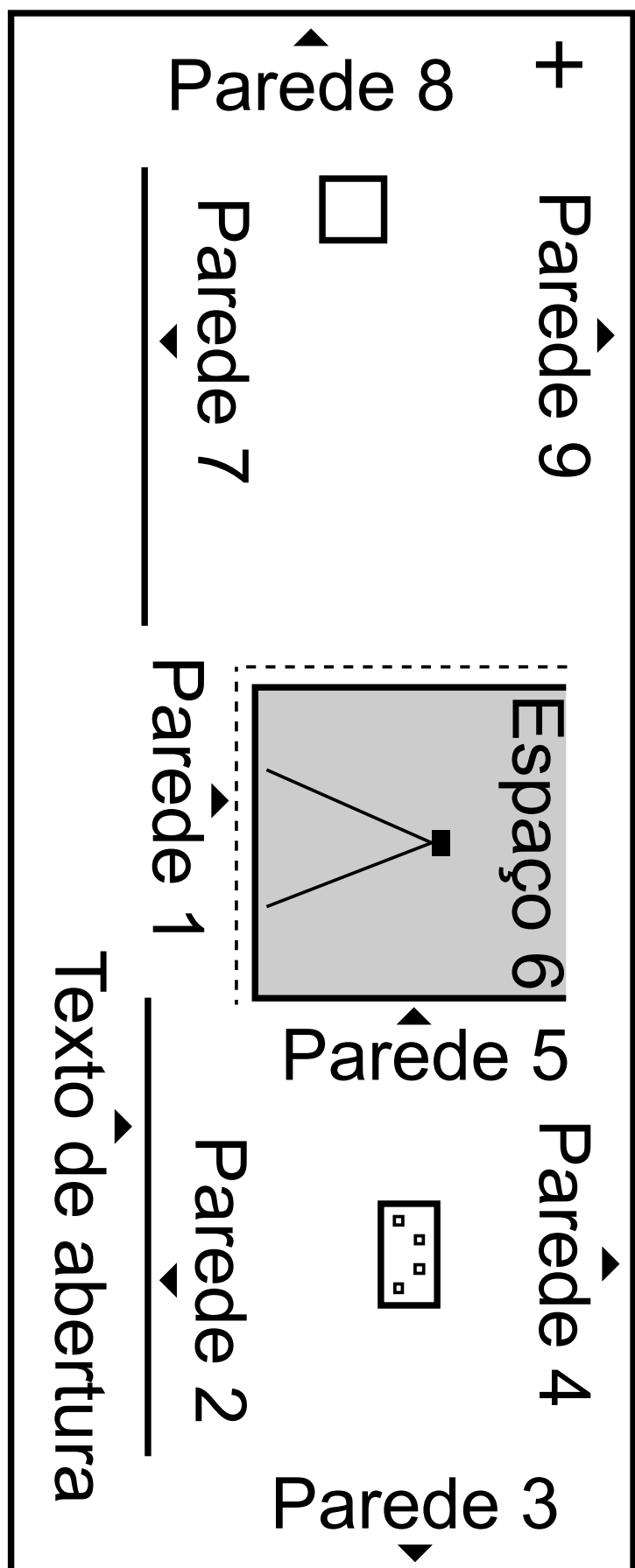
Bardi também incorpora soluções sustentáveis, conquistando certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design).

Texto de Núcleo: VIR-A-SER

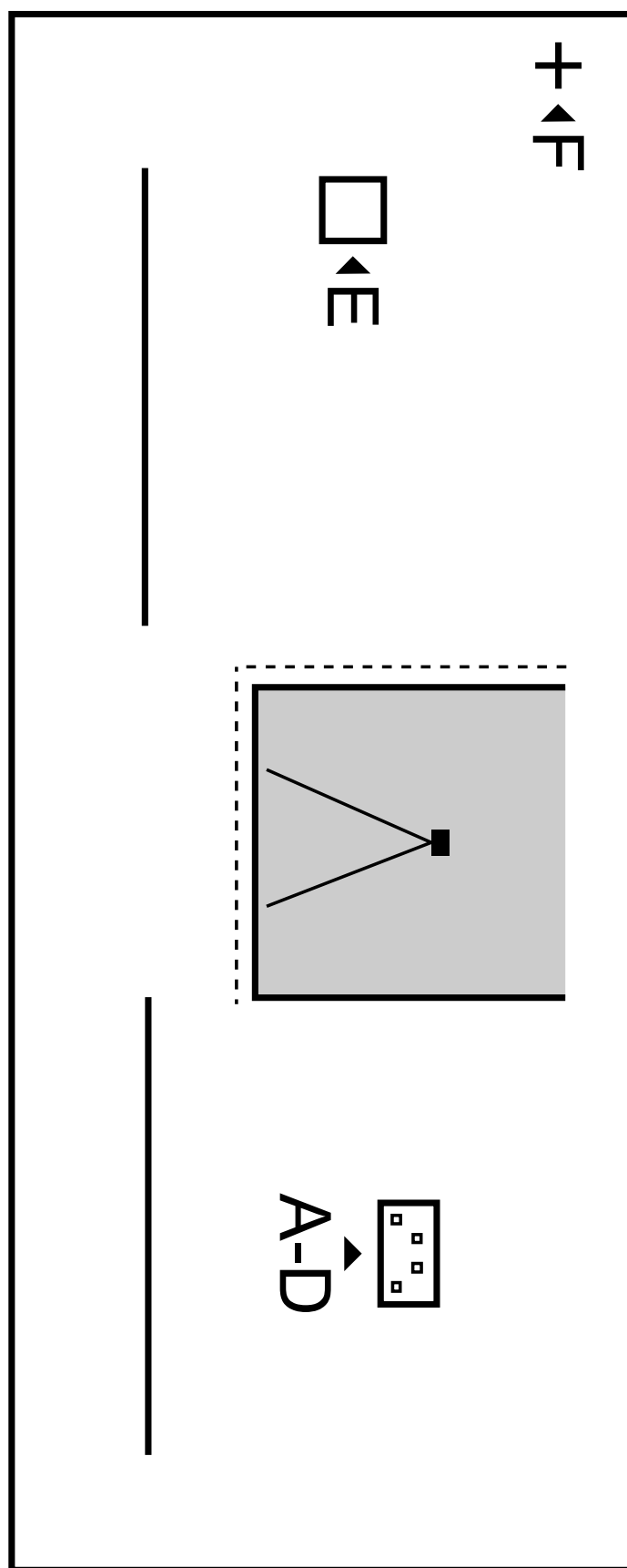
A segregação do mundo em categorias — natureza e cultura, animal e humano — está diretamente vinculada a definições que hierarquizam gênero, raça e etnicidade. A categorização de determinados grupos como “menos humanos” legitimou historicamente uma série de violências: genocídios, ecocídios, racismo, machismo e transfobia. Essa visão de mundo considera aquilo que se convencionou chamar de “humano” — isto é, homem branco, cisgênero, heterossexual e europeu — como um ser definido em oposição à natureza e impelido a dominá-la. Os movimentos ecofeministas, que ganharam força a partir da década de 1970, já identificavam o patriarcado como raiz comum da opressão de gênero e da dominação da natureza. Este núcleo investiga, portanto, as relações

entre seres humanos, não humanos e mais-que-humanos — que incluem animais, plantas, rios, florestas, montanhas, fungos e minerais —, bem como os modos simbólicos, espirituais e materiais que as estruturam. Os trabalhos aqui reunidos contrapõem-se ao pensamento binário instaurado pela modernidade, que separa, classifica e hierarquiza os seres, abrindo-se para novas formas de pensar o corpo e de estabelecer relações horizontais e sensíveis com outras formas de vida e com os meios que habitam.

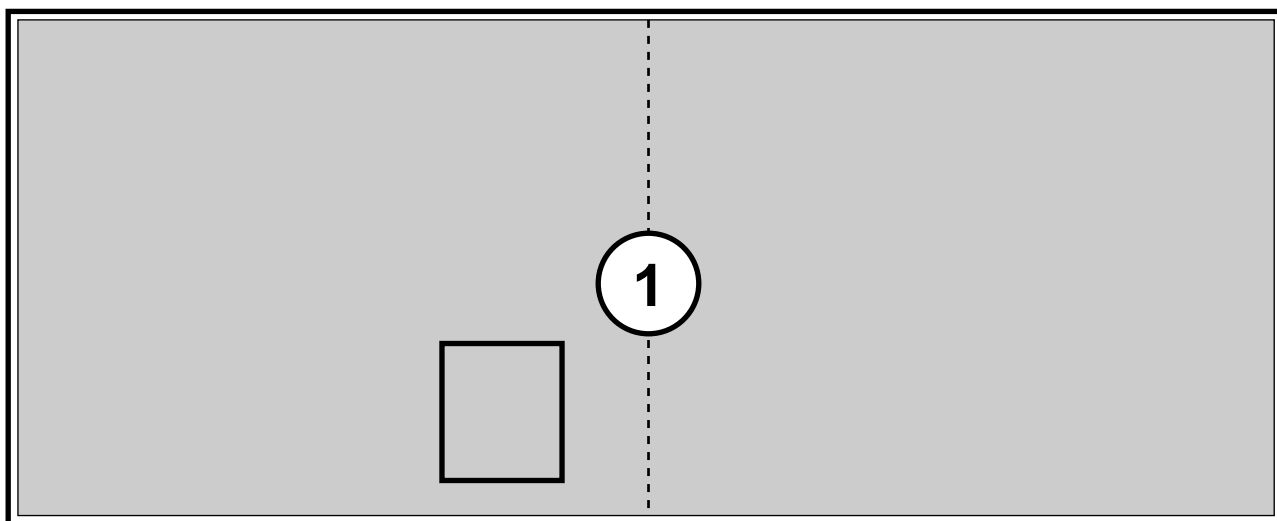
Mapa do espaço expositivo



Mapa de obras tridimensionais no espaço expositivo



PAREDE 1



Ad Minoliti

Buenos Aires, 1980, vive em Buenos Aires

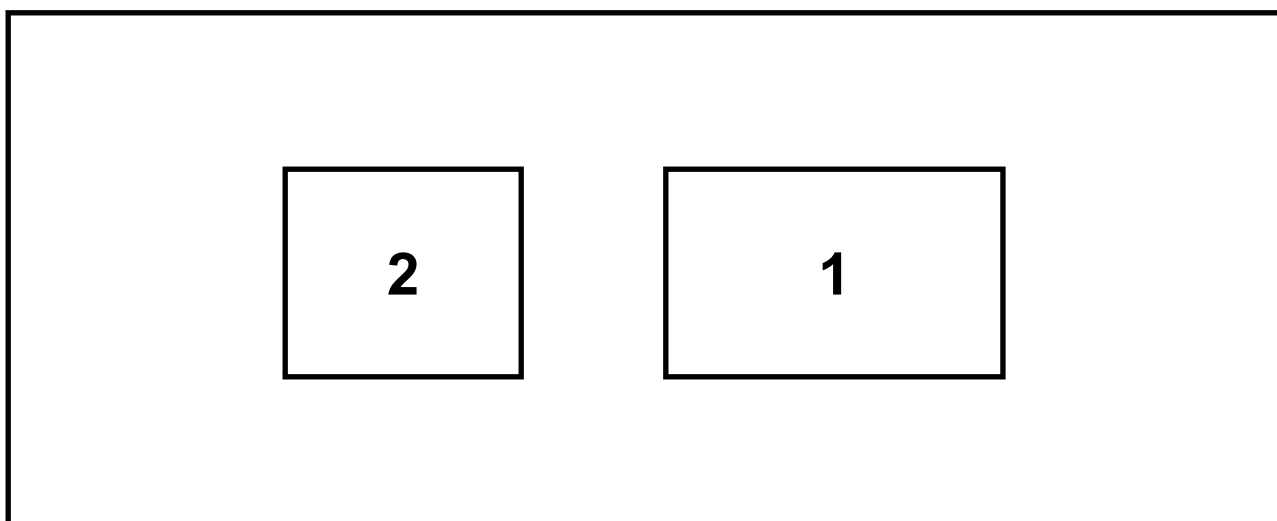
1. *Panther* [Pantera], 2022

Acrílica sobre parede e acrílica e impressão sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação Galerie Crèvecoeur e artista no contexto da exposição *Histórias LGBTQIA+*

Ad Minoliti usa a abstração geométrica para tensionar fronteiras binárias entre o humano e o não humano, realidade e ficção. Em *Pantera*, formas geométricas compõem uma tela onde a presença do animal é evocada apenas pelo título e por formas sutis, como a que parece ser um olho felino no canto superior direito. A pintura transborda os limites do suporte tradicional e se expande para a parede em um mural que combina formas geométricas e elementos evocativos de animais e figuras humanas. A obra avança sobre o espaço e dissolve fronteiras entre corpo, ambiente e linguagem pictórica.

PAREDE 2



Movimento dos artistas Huni Kuin [Huni Kuin Artists Movement] (Mahku) — Iba Huni Kuin/ Bane Huni Kuin/ Kássia Borges Karaja/Ayani Huni Kuin/ Nawa Iba Neto Huni Kuin

Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão, Brasil,
2013 - em atividade (Jordão, 1964/ Jordão, 1983/
Goiânia, 1962/ Jordão, 1984/Jordão, 2004)

1. *Yube Inu Yube Shanu* [Mito do surgimento da bebida sagrada Nixe Pae], 2020

Acrílica sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Regina Pinho de Almeida, 2021

Nesta obra, animais, vegetais e humanos se entrelaçam para narrar a história do nascimento da *nixe pae* — ou *ayahuasca* —, uma bebida ritual psicoativa preparada com plantas amazônicas. A pintura conta a história de Yube Inu, homem que se transforma em *Yube*, jiboia, após um encontro com a mulher-jiboia, que surge das profundezas de um lago. Essa transformação ocorre quando a mulher-jiboia lhe apresenta a fórmula da bebida sagrada que transforma sua perspectiva humana, permitindo

que ele veja as pessoas-jiboia como pessoas. Para Ibã Huni Kuin, a ingestão do *nixe pae* permite ver, ao mesmo tempo, “passado, presente e futuro”, tornando-se uma fonte de conhecimento para seu povo.

Reshinjabe (Olinda Silvano Inuma)

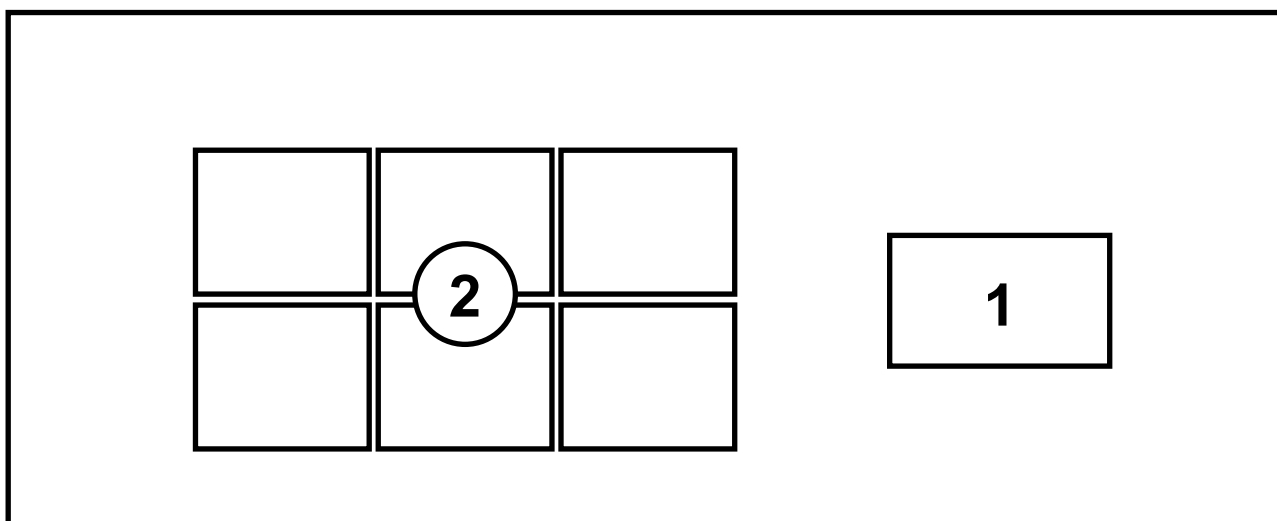
Shipibo—Konibo, Pucallpa, Peru, 1985, vive em Lima

2. *El espíritu de las madres planta* [O espírito das mães planta], 2020

Tintas naturais e bordado sobre tela
Coleção Miguel A. López, Lima

O uso de plantas capazes de alterar as perspectivas humanas integra a cultura de diversos povos indígenas localizados entre o Brasil, o Peru e a Bolívia, como os Huni Kuin e os Shipibo-Konibo. Essa relação sagrada com as plantas é abordada por Reshinjabe (Olinda Silvano Inuma), artista do povo Shipibo-Konibo, em *O espírito das mães planta*. Neste bordado rico em detalhes, cores e formas, a artista retrata um corpo humano em plena transformação e transmutação. Na obra, também é possível identificar padrões geométricos do sistema de desenhos Kené, associados aos conhecimentos e visões adquiridos por meio do uso medicinal dessas plantas.

PAREDE 3



Ana Mendieta

Havana, 1948—1985, Nova York

1. *Grass Breathing* [Respiração da grama],
circa 1974

Filme super 8 apresentado como vídeo, alta
resolução, projeção, cor, 3'8"

The Estate of Ana Mendieta, Nova York

Respiração da grama, de Ana Mendieta, integra uma série de ações performáticas realizadas pela artista entre o início e meados dos anos 1970, nas quais ela explora a relação visceral entre corpo e terra. Nascida em Cuba e forçada a emigrar para os Estados Unidos ainda na adolescência, Mendieta faz de seu trabalho um modo de reencontrar um lugar de pertencimento — uma tentativa de retorno simbólico ao “útero”, entendendo a natureza como espaço maternal e ancestral. Nesta obra, ela se deita sob um leito de grama, que se movimenta com sua respiração, como se corpo e terra formassem um único organismo vivo.

Vera Chaves Barcellos

Porto Alegre, Brasil, 1938, vive entre Porto Alegre e Barcelona, Espanha

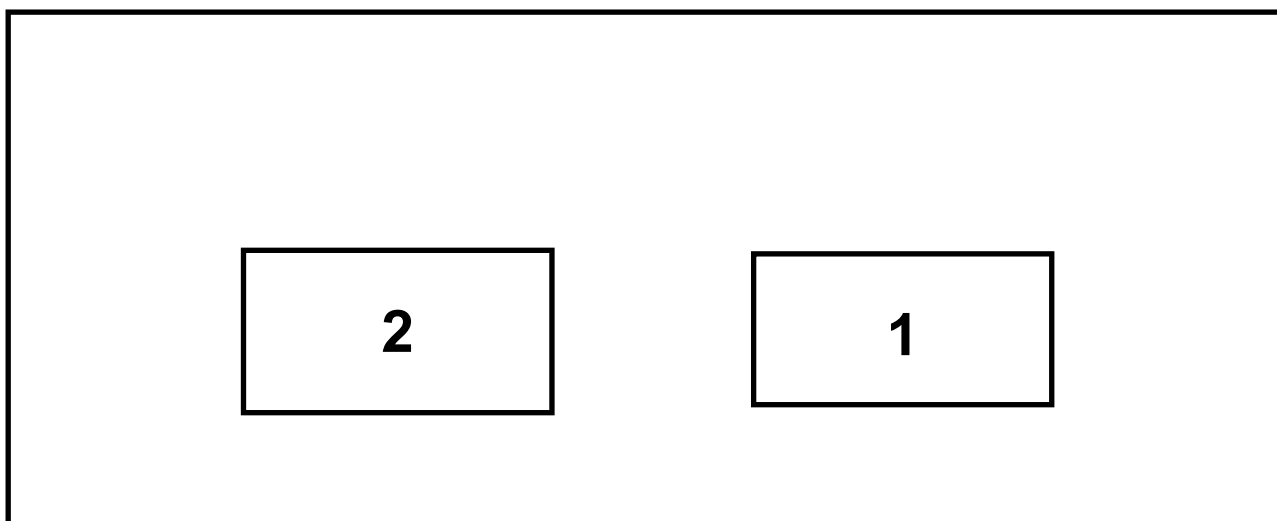
2. *Epidermic Scapes* [Paisagens epidérmicas], 1977/2023

Ampliação fotográfica a partir de impressão da pele

Coleção da artista, Porto Alegre

Em *Paisagens epidérmicas*, Vera Chaves Barcellos propõe um novo olhar sobre o corpo humano. Por meio do uso experimental da fotografia, a artista aplica tinta preta sobre a própria pele e a de outras pessoas; em seguida, pressiona essas superfícies contra papel vegetal, depois utilizado como negativo no processo de ampliação fotográfica. Esse processo resultou numa série de imagens na qual o corpo humano se torna um conjunto de superfícies abstratas, semelhante a uma paisagem feita de relevos, texturas e acidentes geográficos.

PAREDE 4



Chico da Silva

Parintins, Brasil, 1910/22—1985

1. *Sem título*, início da década de 1960

Guache sobre papel montado sobre placa
Galatea, São Paulo

Em diálogo com *Pavão azul*, de Michel Zóximo, apresenta-se outra composição densa em detalhes: uma obra da década de 1960 de Chico da Silva, artista conhecido por representar a fauna amazônica e criar seres fantásticos. Nesta obra sem título, Da Silva nos apresenta pássaros e peixes em aparente confronto. O uso de pinceladas rítmicas, padronagens e texturas intrincadas dissolve as fronteiras entre figura e fundo. Em meio a essa dinâmica visual, destaca-se a imagem de um peixe que ameaça uma ave, numa inversão simbólica dos papéis de presa e predador.

Michel Zózimo

Santa Maria, Brasil, 1977, vive em Porto Alegre, Brasil

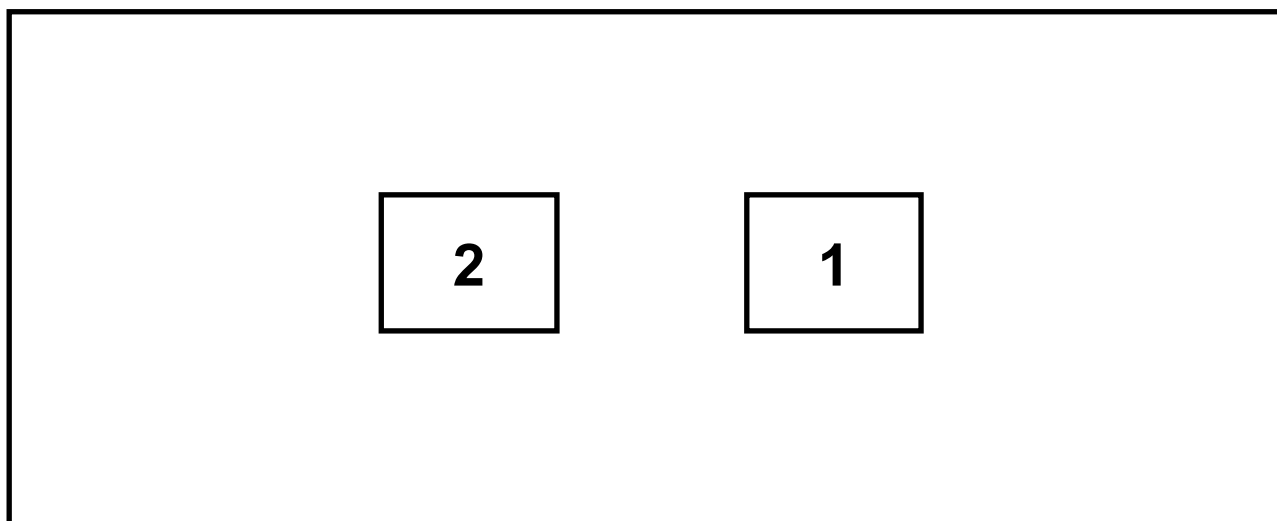
2. *Pavão azul*, 2025

Acrílica e nanquim sobre linho

Coleção Tilkian Maia, São Paulo

Corpos humanos, animais e vegetais se misturam e se confundem na pintura *Pavão azul*, de Michel Zózimo. Numa tela de grandes dimensões, o artista nos convida a adentrar um universo onde não há distinção ou hierarquia entre os seres — presa e predador compartilham o mesmo espaço e se revelam lentamente ao olhar que percorre a obra.

PAREDE 5



Sheroanawe Hakihiwe

Sheroana, Venezuela, 1971, vive entre Caracas e Mahekoto Theri, Venezuela

1. *Huwe moshi 26* [Cobra-coral 26], 2018

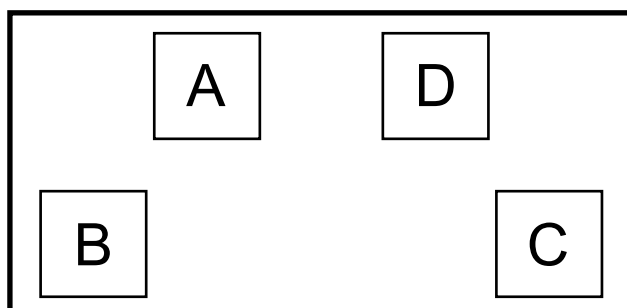
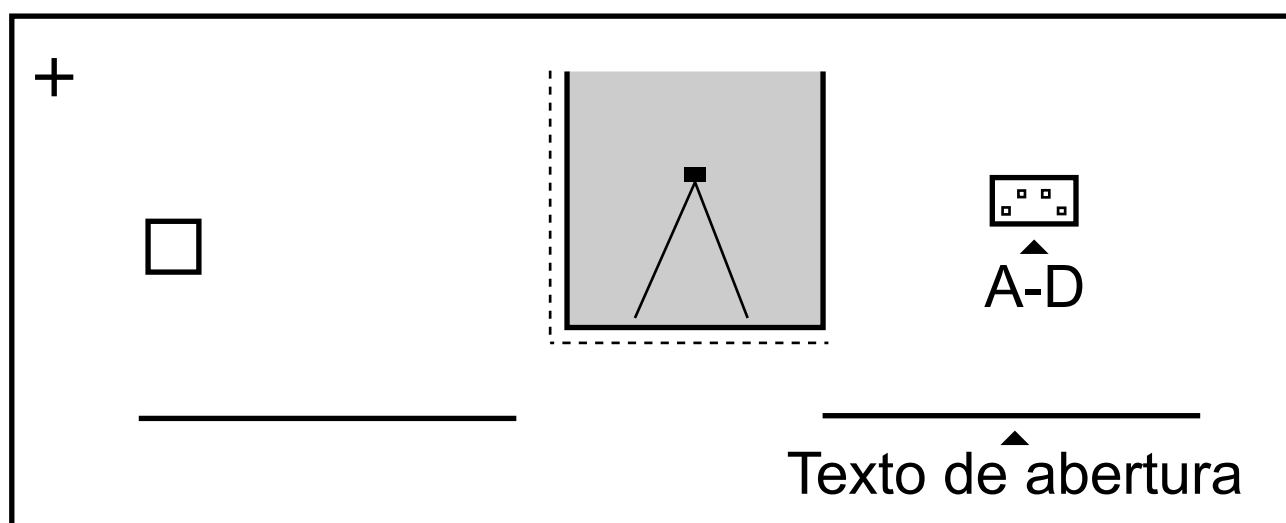
2. *Huwe moshi 34* [Cobra-coral 34], 2018

Acrílica sobre papel de cana-de-açúcar

Coleção particular, São Paulo

Sheroanawe Hakihiwe é um artista yanomami que trabalha com desenhos, monotypos e pinturas baseadas na observação da natureza e nos rituais de sua comunidade. Na cosmovisão yanomami, certos animais da floresta são capazes de se transformar em humanos ou em seres fantásticos, transitando por diferentes mundos. É essa capacidade de deslocamento e transmutação que Hakihiwe aborda em sua série *Huwe moshi*. Usando cores características das cobras-corais — vermelho e preto —, o artista compõe desenhos geométricos que evocam tanto o movimento circular da serpente sobre a terra quanto sua habilidade de atravessar mundos intangíveis, sugerida pelas linhas retas que cruzam o papel.

OBRAS TRIDIMENSIONAIS NO ESPAÇO EXPOSITIVO A-D



Recuay

Peru

A. Vaso de gargalo, circa 200 a.C. - 600

Cerâmica

Comodato MASP Landmann

Mochica

Costa Norte, Peru

B. *Vaso de alça estribo*, circa 400 - 700

Cerâmica

Comodato MASP Landmann

C. *Vaso de alça estribo*, circa 400 - 700

Cerâmica

Comodato MASP Landmann

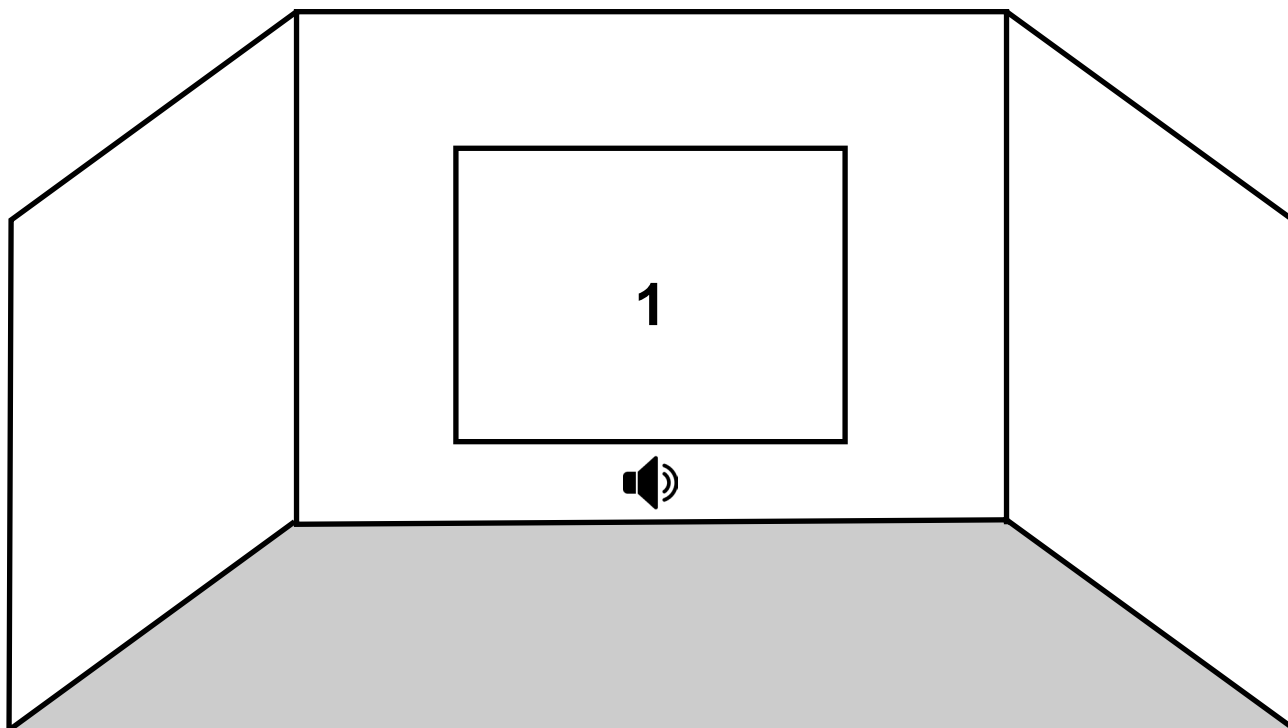
D. *Vaso de alça estribo*, circa 50 - 250

Cerâmica

Comodato MASP Landmann

A complexidade das relações entre humanos e animais, caça e caçador, vulnerabilidade e poder podem ser vistas em um vaso mochica utilizado em rituais ligados a batalhas e caçadas. Nessa cerâmica, vemos a figura de um veado que é, simultaneamente, guerreiro e presa. Embora ostente trajes de combate, a língua e a genitália expostas sugerem fragilidade e entrega. Essa e outras peças pré-colombianas foram selecionadas para compor este núcleo a fim de evidenciar que as relações entre humanos, animais e seres mais que humanos são historicamente complexas e assumem formas variadas ao longo do tempo.

ESPAÇO 6



Vitória Cribb

Rio de Janeiro, 1996, vive no Rio de Janeiro

1. **BUGs**, 2023

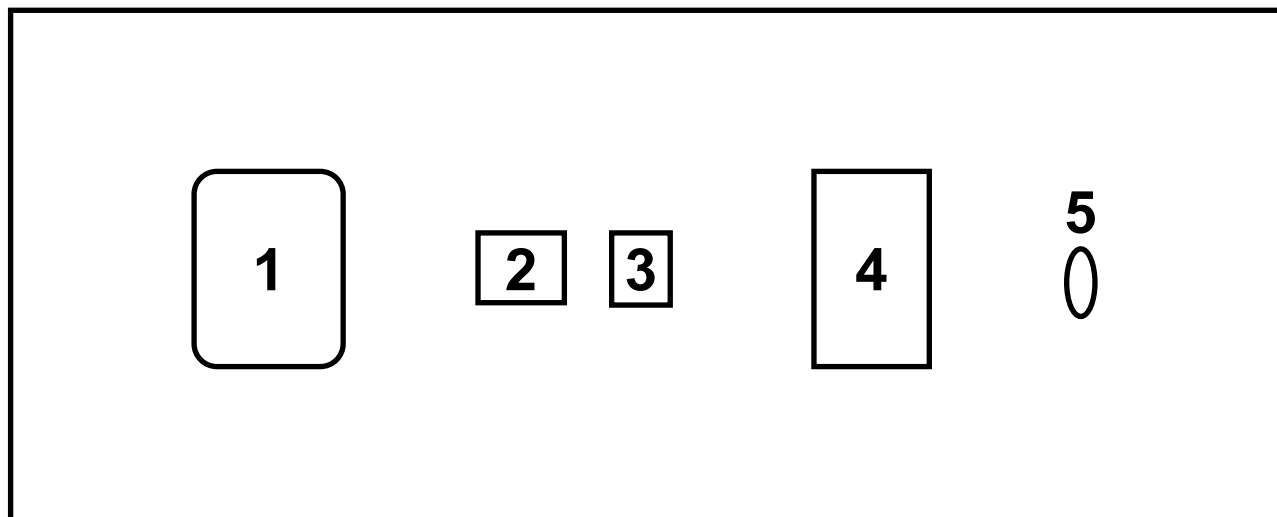
Animação CGI, som, texto e narração

Coleção da artista, Rio de Janeiro

Em *BUGs*, Vitória Cribb aborda os sentimentos de agonia e exaustão num mundo em que a tecnologia se tornou inseparável da vida cotidiana. O termo *bug*, em inglês, significa “inseto”, assim como designa uma falha em sistemas eletrônicos, ou dá nome a um modelo de carro popular, o Volkswagen Beetle [besouro], também conhecido como Fusca no Brasil. Na animação de Cribb, esses três significados se entrelaçam e aludem aos três distintos universos — o humano, o tecnológico e o natural

— incorporados pelos personagens do filme, que interagem entre si, se confundem e se reconciliam com suas diferenças e semelhanças, num fluxo contínuo de transformação.

PAREDE 7



Maryam Hoseini

Teerã, Irã, 1988, vive em Nova York

1. *Flesh and Sun (Transference)* [Carne e sol (Transferência)], 2024

Acrílica, tinta e lápis sobre painel de madeira

Coleção de artista, Nova York

Birgit Jürgenssen

Viena, 1949—2003

2. *Nest* [Ninho], 1979

Fotografia vintage em preto e branco

Cortesia Alison Jacques, Londres e Galerie

Hubert Winter, Viena

3. *Untitled (Self with Little Fur)* [Sem título (Autorretrato com courinho)], 1974

Fotografia colorida

Cortesia Alison Jacques, Londres e Galerie

Hubert Winter, Viena

A produção de Birgit Jürgenssen aborda as violências estruturais que incidem sobre o corpo feminino. Em *Sem título (Autorretrato com courinho)*, Jürgenssen aparece com o rosto parcialmente coberto por uma pele de raposa. Termos como “gatinha”, ou *foxy lady*, em inglês — que atribuem um caráter animal à uma mulher — são usados para erotizá-las. Jürgenssen se apropria da pele de raposa como uma estratégia para dismantelar o imaginário de um feminino moldado pelo desejo masculino, que dissolve sua identidade e seu caráter humano. Já em *Ninho*, a artista mostra sua pélvis coberta por uma meia fina, oscilando entre o erótico e o reprodutivo.

Cosa Rapozo

Dolores Hidalgo, México, 1987, vive na Cidade do México

4. *Patronaje otoñal* [Padronagem outonal], 2024

Pele sintética intervencionada, tecido estampado, tecido de poliéster, fecho de correr metálico, alfinetes em forma de coração e cristais em forma de lágrima

Coleção da artista, Cidade do México

Em diálogo com a obra de Birgit Jürgenssen nesta exposição e a maneira como a artista aborda diferentes concepções do corpo feminino e de sua condição humana, a artista mexicana Cosa Raposo investiga os arquétipos femininos ligados à ideia da natureza “selvagem”. Feitas de materiais sintéticos — como pelúcia, acessórios

e estampas que evocam elementos naturais —, suas obras sugerem que a hibridização entre humano e animal está profundamente presente em nossa sociedade, subvertendo estereótipos e tensionando a fronteira entre o natural e o artificial, o feminino e o masculino.

Jonas Van

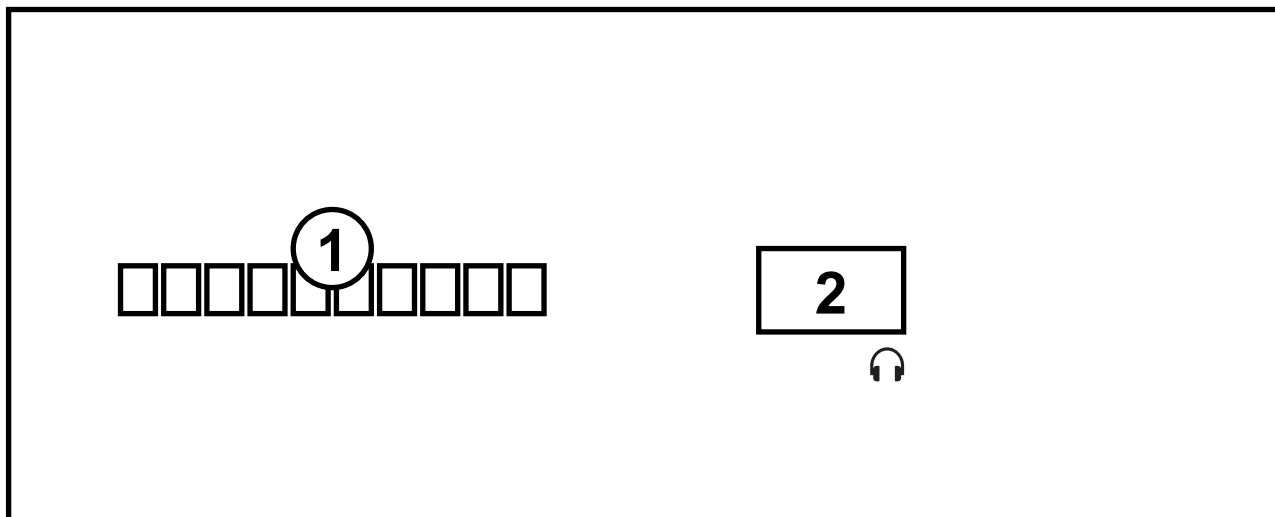
Fortaleza, Brasil, 1989, vive entre Genebra e Fortaleza

5. *Exambiguações*, 2021

Prótese dentária em resina acrílica com incrustações de pedras de obsidiana e olho de tigre, gesso e suporte em aço
Coleção do artista, São Paulo

A capacidade de pensar outras configurações de corpo para além das estabelecidas por normas de gênero se manifesta no trabalho de Jonas Van. Em *Exambiguações*, Van cria esculturas a partir de moldes da arcada dentária de pessoas trans e queers e recria a forma de seus dentes em cristal. Com essa peça — e seu título, um neologismo que parte da palavra “desambiguação” —, Van propõe pensar novas formas de linguagem para acompanhar processos contínuos de transmutação. Para Van, a formação e a troca dos dentes ao longo da vida lembram a formação de cristais rochosos, que, assim como a arcada dentária, guardam uma memória física e mineral.

PAREDE 8



davi de jesus do nascimento

Pirapora, Brasil, 1997, vive em Pirapora

1. *Aguamento*, da série *Sorvedouro*, 2024

Aquarela sobre papel

Coleção do artista, Pirapora, Brasil

davi de jesus do nascimento nasceu e foi criado no território barranqueiro das populações ribeirinhas do rio São Francisco. Seu trabalho tem como ponto de partida a migração forçada

de sua família, atingida pela construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Sobradinho e pelo consequente adoecimento do rio naquela região. Em seus trabalhos, não há distinção entre o corpo e o território, entre o manejo das embarcações e a vivência proporcionada pelo tempo coreografado das águas, dos cardumes e de outros seres que habitam o rio. Essa continuidade se revela em seus *aguamentos* — aquarelas nas quais bicho e gente, água e lama se fundem em criaturas híbridas.

Jes Fan

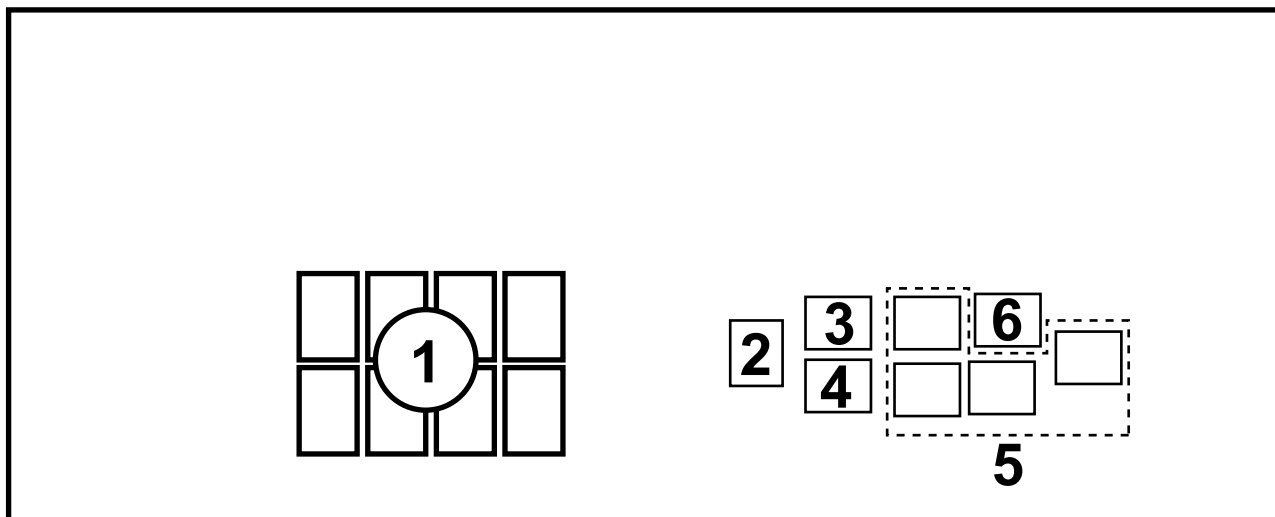
Scarborough, Canadá, 1990, vive em Nova York

2. *Xenophobia*, 2018-20

Vídeo HD, 7'56"

Coleção de artista, Nova York

PAREDE 9



Castiel Vitorino Brasileiro

Vitória, Brasil, 1996, vive no planeta Terra

1. ***Sem título***, da série *Corpoflor*,
2016-em processo

Impressão a jato de tinta sobre papel
Coleção da artista, São Paulo

O entendimento da transmutação como estratégia para resistir à captura por normas que separam e categorizam seres, corpos e existências permeia a série *Corpoflor*, de Castiel Vitorino Brasileiro. Numa série de retratos e autorretratos, a artista parte de uma promessa feita a si mesma: “Continuar transmutando num hibridismo radical com vidas de outros reinos e mundos”. A cada nova fotografia, Brasileiro incorpora novas e imprevistas formas de viver que não são impostas sobre seu corpo, imaginando, assim, corporalidades que transcendem as normas de gênero e sexualidade.

Rosana Paulino

São Paulo, 1967, vive em São Paulo

2. *Ninfa tecendo o casulo*, 2008

Grafite e aquarela sobre papel

Coleção particular, São Paulo

3. *Casulo n.1, do Caderno de possibilidades de voo (reais ou imaginárias) ou Caderno de figuras aladas*, 2000

Lápis dermatográfico, grafite e pastel sobre papel

Coleção particular, São Paulo

4. *Casulo, do Caderno de possibilidades de voo (reais ou imaginárias) ou Caderno de figuras aladas*, 2000

Lápis dermatográfico, grafite e pastel sobre papel
Coleção particular, São Paulo

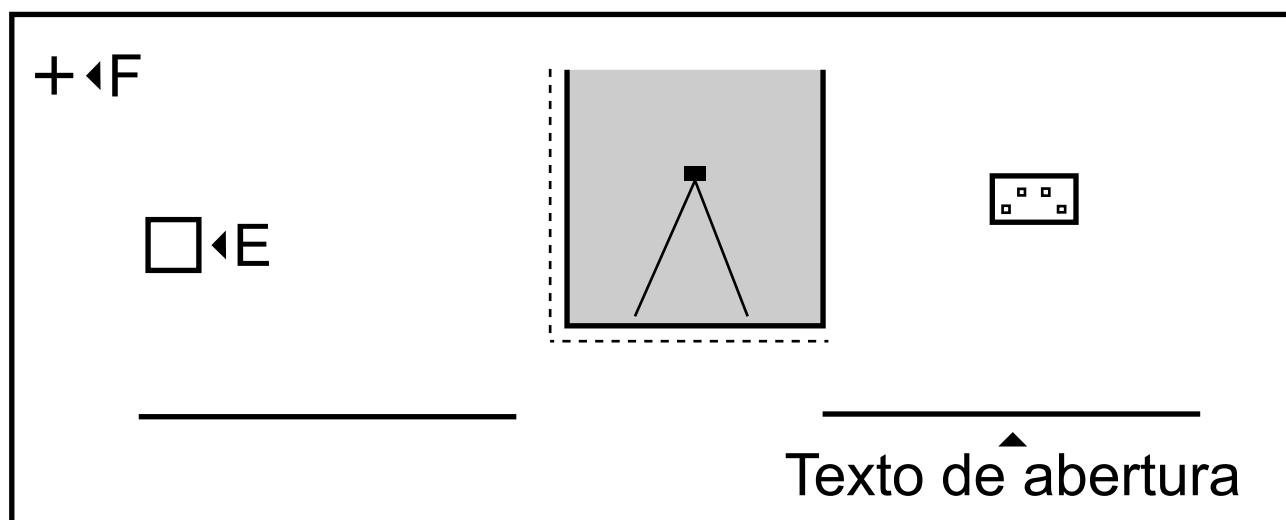
5. *Tentativa de criar asas, do Caderno de possibilidades de voo (reais ou imaginárias) ou Caderno de figuras aladas*, década de 2000

Lápis dermatográfico, grafite e pastel sobre papel
Coleção particular, São Paulo

6. *da série Casulos*, 2000

Grafite sobre papel
Coleção particular, São Paulo

OBRAS TRIDIMENSIONAIS NO ESPAÇO EXPOSITIVO E-F



Advânio Lessa

Ouro Preto, Brasil, 1981, vive em Ouro Preto

E. *Sem título*, da série *Vida*, 2013-23

Raízes, madeira, cipó e serragem

Coleção do artista, Ouro Preto, Minas

Gerais, Brasil

Josí

Itamarandiba, Brasil, 1983, vive entre Caeté e Belo Horizonte, Brasil

F. *Odor da chama*, da série *Isca de chão*, 2024

Cerâmica e rede de sisal engomada com poeira e polvilho

Coleção da artista, Belo Horizonte, Brasil

Do barro do Vale do Jequitinhonha, no norte de Minas Gerais, Josi cria suas esculturas, que guardam a memória da paisagem, da terra vermelha rica em ferro, bem como dos cantos, tradições orais e práticas comunitárias daquela região. Suas pinturas e esculturas evocam seres híbridos, moldados pela teia de relações culturais, materiais e simbólicas do Jequitinhonha.